

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1142	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	20 de Setembro de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	650	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		

UM NOVO REINO NA EUROPA



NICOLAU I, REI DO MONTENEGRO



MILENA, RAINHA DO MONTENEGRO

(Vid. artigo *Pelo Mundo Fóra*)

CHRONICA OCCIDENTAL

O theatro que a actriz Julia Mendes está explorando na Feira de Agosto faz-nos saudades do nosso antigo theatro de feira, tão pittoresco e tão tipico, desaparecido para sempre no nevoeiro do passado.

Desde o armá-lo até ao desarmá-lo, tudo nelle tinha que vêr.

Chegava a companhia ao campo da feira por uma bella manhan de primavera, trazendo em tres carroças todo o seu peculio, e carregando cada um ás costas com as trouxas do guarda-roupa, que passavam do peso com que podiam os machos.

O unico que não sabia o peso á carga era o director. Dizia que bem lhe bastavam os cuidados e as responsabilidades de pôr a caminho e em acção todo aquelle pessoal e todo aquelle ma-

terial que o acompanhavam; e não levantava uma palha. Marchava á frente, a distancia, para mais estimular os que o seguiam.

— «Raios os partam a vossês todos, suas lesmas!» gritava elle de vez em quando, voltando-se para traz, com ambos os punhos fechados, e uma carranca de metter mêdo. — «Se não parece mesmo que vêm a morrer p'lo caminho!»

Não parecia: vinham realmente a morrer, de fadiga, e de pilóta. Os ganhos do inverno tinham sido poucos, da carestia da vida já então não eram só elles que se queixavam, e nem sequer o recurso de comer fiado era coisa de que pudessem lançar mão, porque o tendeiro, padeiro, carvoeiro, em ouvindo falar de comicos, o que queriam era largueza! E a respeito de palmilhar caminho, era aquillo que se via: ainda na vespera á noite estavam dando espectáculo com a *Caverna de Satanaç*, em Sacavem de Baixo, e áquella hora matutina já tinham passado as portas e entrado na cidade.

Pelo caminho, para não perderem tempo, de-

coravam os papeis; e quando faziam alto, junto de algum chafariz, emquanto o gado bebia, ensaiavam as scenas mais dificeis das peças novas ainda mal sabidas.

— «Senhora Dona Thereza, boas novas nos traz hoje o correio de França...»

— «Por Deus, que me dizeis?! E' vivo ainda?»

— «Vivo e arrependido! Os soffrimentos abriram-lhe os olhos da alma. Chegaram ao céu as nossas vózes, senhora...»

Nisto, passava p'la estrada uma lavadeira de Fanhões em cima da sua burra; e o burro de um almocreve, que acabava de se refrescar no chafariz do primeiro calôr da soalheira, e ora sacudia uma orelha, ora uma perna, espantando o mosquito, zurrava-lhe um madrigal.

Mas logo a saloia se fazia ao largo com a burra; e então um dos comicos, famoso no embréchar piádas de sua casa no palavriado de todos os papeis, sahia-se com esta:

— «As nossas, talvez lá chegassem; as d'aquelle é que com certeza não chegam.»

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

UM NOVO REINO NA EUROPA

O principado de Montenegro acaba de ser erigido em reino. Assim o votou a Skuptchina montenegrina, que em 20 de agosto proclamou rei o príncipe Nicolau, que em 14 do mesmo mês havia festejado o jubileu da sua ascensão ao throno, em 1860.

O Montenegro, com 9.000 kilometros quadrados de superficie e 250.000 habitantes, é o reino mais pequeno da Europa. *Cettigne*, a capital, tem cerca de 4.000 habitantes. Mas esta pequena nação tem um passado glorioso, treze seculos de independencia, mantida á custa de luctas quasi ininterruptas contra adversarios formidaveis; nunca conheceu o jugo estrangeiro desde a grande invasão servia do 7.º seculo. Ameaçado pelos ataques continuos dos turcos, protegido pela amizade da Russia, defendido ainda mais pelas rivalidades baseadas na cubiça, o Montenegro chegou ao meado do seculo passado sem ter pensado senão em bater-se. Era, portanto, uma nação de selvagens cujas leis sahiam da espingarda, que não servia sómente contra o inimigo de fóra. As rivalidades de familias e de tribus davam origem a *vendettas* que a Corsega nunca conheceu.

Cita-se como extraordinaria a tregua de seis meses imposta á veneração de seus subditos, em 1830, pelo *oladika* Pedro I, que morria nonagenario. Pedro II tentou um embrião de administração civil e politica, que não teve realidade. De fórma que a população era inteiramente analfabeta. Em todo o territorio havia apenas uma escola primaria. *Danilo*, que succedeu a Pedro II, teve que abdicar por si e pelos descendentes, e foi assassinado em 1860. Cursava o lyceu *Luiç-o-Grande*, em Paris, o príncipe Nicolau, que tem sido o mais habil e o mais feliz dos soberanos do Montenegro.

O príncipe Nicolau que tinha então 19 annos, pois nasceu a 7 de outubro de 1841, foi obrigado a trocar os encantos de Paris, no momento mais brilhante do segundo imperio, pelo ninho de aguia da sua patria, isolado do mundo, votado a uma existencia de anachoreta. Consagrou a sua grande actividade e a sua intelligencia culta ao desenvolvimento da sua patria, abrindo mais de 100 escolas, estabelecendo caminhos de ferro, telegraphos e correios, etc., o que não quer dizer que conseguisse tornar o Montenegro um paiz moderno, mas soube aproveitar a indole bellicosa dos seus subditos, organisando um exercito bem disciplinado com um activo de 25.000 homens, e uma reserva de 11.000, devendo notar-se que o exercito montenegrino é um factor importante para a resolução do problema balkanico.

O príncipe Nicolau revelou extraordinaria habilidade durante a grande crise de 1876-1878; o Congresso de Berlim, em recompensa, duplicou-lhe a superficie territorial e augmentou-lhe a população em mais de 100.000 almas.

O príncipe Nicolau tem sabido cultivar, com notavel felicidade, a politica das alianças de familia, apoiando-se na amizade fiel de tres tzars: Alexandre II e III e Nicolau II da Russia. Duas filhas casaram com principes russos. A mais velha, a princeza Zorka, que falleceu em 1890, casou com o chefe da casa *Karageorgevitch*, o actual rei Pedro da Servia.

A princeza Anna desposou o príncipe de Battemberg. Mas o triumpho d'essa diplomacia conjugal é a união que chamou a princeza Helena do Montenegro ao throno da Italia.

A politica das alianças, tão habilmente dirigida pelo príncipe Nicolau, contribuiu muito para erguer o prestigio da velha *Tchernagora*, e para facilitar a elevação do principado á dignidade do reino, sem a mais pequena complicação internacional, embora a Servia, que sempre ambicionou a hegemonia balkanica, a custo dirigisse as felitações pela coroação de Nicolau I.

A *Austria-Hungria* foi quem mais auxiliou esta victoria, talvez para esmagar a Servia, que, como todos sabem, se oppoz tenazmente á annexação da Bosnia e da Herzegovina pelo governo de Vienna. A Austria, renunciando á servidão que o tratado de Berlim impuzera ao Montenegro, supprimiu o unico obstaculo d'ordem internacional para o triumpho de Nicolau I, para cuja existencia muito tem contribuido a dedicação de sua esposa *Milena Petrona Vukotitch*, filha d'um senador e presidente do conselho de estado do Montenegro, a qual casou em 1860 e deu ao prin-

cipe Nicolau uma descendencia numerosa, 3 filhos e 6 filhas.

O herdeiro — o príncipe *Pedro Danilo Alexandre* — nasceu em 1871 e casou em 1899 com a princeza Jutta Militza, filha do Gran-Duque de Mecklemburg-Strelitz, mas não tem descendentes.

UM NOVO REMEDIO PARA A AVARIOSE

O bacteriologista allemão dr. Ehrlich acaba de descobrir a cura da syphilis por meio d'um preparado *arseno-benzoico*, que elle chama «606», pois que, tendo procedido durante 25 annos ao estudo do tratamento d'aquella enfermidade, fez 606 combinações até obter o já famoso «606», tambem conhecido por *Ehrlich Hata*, em que se presta homenagem ao pratico japonês auxiliar do Ehrlich.

Este especifico, que está sendo experimentado em França pelo notavel especialista *Salmon*, dá resultados muito superiores aos que se obtem com o mercurio, de acção demorada e dolorosa.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



ALEXANDRE HERCULANO

Ainda não vão longe os echos do centenario herculanico, vibram, ainda, em nosso coração, as ultimas notas desse grandioso concerto, afinado pelo nobre diapásio da consciencia nacional e, portanto, não serão descabidas umas despreziosas palavras em honra do grande vulto, homenagem singela, embora tardia, de contribuinte que, esquivando-se, involuntariamente, a pagamento tributario em epoca propria, vem, depois, com juro de móra, satisfazer exigencias de lei e lei bem soberana — a lei da consciencia.

Embora Herculano não seja um Camões, encarnação do espirito nacional; um Marquez de Pombal, a personificação do estadista; um Vasco da Gama, symbolo de heroismo; um Infante D. Henrique, a iniciativa maritima ou um Gil Vicente, a gloria dramatica, vultos estes, em nossos dias, nacionalmente, glorificados em sympathicos e justissimos centenarios, é uma figura de destaque na historia contemporanea e que, para servir a patria, teve *braço ás armas feito e mente ás musas dada*.

De facto, fóram a espada e a penna as suas armas de renhidas luctas pela causa santa da liberdade que era, evidentemente, a causa da patria, e, não contente com as proesas do cêrculo do Porto, peleja no campo litterario, ferindo de morte os que se rebelaram contra o príncipe libertador.

A *Voç do Propheta* é esse escripto admiravel, que, em estylo hyperbolico, mas ardente e sincero, é um protesto eloquente contra as desordens que perturbavam a tranquillidade da patria, é o vaticinio cruel da desgraça que espera os povos quando se lançam no abysmo da immoralidade e da anarchia, é o açoite implacavel flagellando os vicios de uma sociedade corrompida.

Que energica e vehemente apostrophe:

«Mais cruel será teu castigo, oh patria, do que o de Jerusalem: porque ella pereceu a mãos de estranhos e seus filhos morreram defendendo os lares paternos.

Mas a ti, é um suicidio popular, é uma febre intima e ardente que te vae arremessar ao sepulcro.

Os teus muros se converterão em um circo: pelas praças e ruas pelejar se ão pelejas como de gladiadores, combates de mastins e fêras.»

E não só luctou, no campo das armas e das letras, pela liberdade que elle julgava representada na monarchia constitucional, mas perdeu o seu pão, demittindo-se do logar de bibliothecario da Bibliotheca do Porto, quando rebentou, em setembro de 1836, o movimento, em Lisboa, contra a Carta.

Por esta abnegação tão rara, não podia deixar, Herculano, de merecer a maior confiança e estima dos principes liberaes e D. Fernando nomeou-o seu bibliothecario e distinguio-o com as maiores attentões, confiando-lhe, inclusivamente, a educação dos principes, seus filhos, principalmente desse bello rapaz, desse coração diamantino, desse soberano tão querido que se chamou D. Pedro V.

Nessa educação, nessa nobre tutela, se esmerou o grande mestre, começando a escrever, para

Desatava tudo a rir, que era o que se queria. Nada de pagar dividas com tristezas. E d'ahi por mais um bocadinho, depois de bem repetida a scena do segundo acto em que o duque surprehende o pagem aos beijos na duqueza, punha-se tudo outra vez a caminho.

Chegados ao sitio da feira, e dando fundo no espaço que lhes havia sido marcado, podia-se suppôr que o primeiro cuidado d'elles seria o de atirarem comsigo para cima das vistas e das trouxas do guarda-roupa, dormindo como pedras. Engano. Atiravam-se mas era ao trabalho, com uma gana impagavel. Então, durante algumas horas, enquanto os actores batiam as estacas, mettiam os espeques, pregavam as taboas do palco e as bancadas da platéa, as actrizes deitavam remendos nas lonas da cobertura, fundilhos nos calções dos principes e dos escudeiros, passagens no manto do rei e nas caudas das damas da côrte.

A tarde estava o theatro em pé, o machinismo montado, o panno prompto a subir.

— «O Augustol Augustol!» chamava o director com dois berros.

Uma voz de creança respondia-lhe das bambolinas:

— «Senhor!»

— «Onde estás tu?»

— «Nas nuvens.»

— «Pois então desce, que tens de ir ao petroleo.»

Quando se deitava o petroleo nos candieiros da ribalta, não havia mais que fazer senão ir cada um vestir-se com o fato com que havia de apparecer ao publico — ao «respeitavel publico», como era costume dizer, com convicção, a gente de theatro falando d'aquelles que a ajudavam a viver ficando-lhe com bilhete para o beneficio.

Na varanda que havia cá fóra tomavam então logar os tres ou quatro musicos annexos á companhia, rompendo com umas harmonias que logo começavam a juntar gente.

O cartaz, em grossas letras pintadas ao alto em metro e meio de panno branco, annunciava a peça de grande espectáculo. Os comicos, á medida que se iam vestindo, vinham apparecendo: alguns, para não terem dois trabalhos, enfiavam logo os calções, as meias côr de rosa e os sapatos de fivela, com que entravam na magica ou no drama historico, e abotoavam por cima uma quinzena de amanuense. As actrizes mais nutridas ajustavam ao corpo um *maillot* e saíote de bailarina, esfregavam com alvaiade os cotovellos e o que mostravam do seio pelo decote do corpinho de setim semeado de lantejoulas, besuntavam um decilitro de azeite no penteado, e assim vinham sorrir á multidão, ao mesmo tempo que o director da companhia, de casaca, a farta pôpa ondeando sob a larga aba do chapéu alto, o collar da Sociedade de Geografia ou outro parecido coruscando sobre o peitilho amarfanhado, convidava os cavalheiros e madamas em transito a entram no seu theatro, a comprarem os seus bilhetes.

E o que esse homem dizia para enaltecer os meritos do seu espectáculo, que estava sempre quasi a começar e que ás vezes não fazia esperar uma hora e mais, sentados nas taboas duras da superior, ou com algum bico de prego da geral a espetar-se-nos nas carnes, antes que o panno subisse, era todo um repertorio de boa, esfusiante pilhéria, que só por si valia bem o custo da entrada.

Num dado momento, recolhiam todos. Iam-se tambem os musicos. E se cá fóra, na rua da feira, ficava ainda algum embasbacado hesitando em entrar, bastava que a musica recommençasse lá dentro para elle se decidir. Comprava bilhete, e lá ia!

O que eram as peças? o que eram os scenarios? o que eram as *mises-en-scène*? Eram o que Deus queria. A boa vontade dos actores e a boa vontade do publico é que eram tudo. Ella fazia do máu o soffrivel, e do pessimo o supportavel.

Actores e publico entendiam-se ás mil maravilhas, e desfaziam-se em mutuas complacencias. O actor tinha, por exemplo, uma decidida veia comica; mas ao publico apetezia, certa noite, que elle, em vez de o fazer rir, o fizesse chorar. E o actor, sem pestanejar, despia-se do saloio lôrpa para se encarnar no pae nobre com immenso gosto. O publico reconhecia, por exemplo, que o actor ia tão bem nos papeis sérios, como ia mal nos papeis comicos. Mas o actor julgava-se irresistivel no repertorio do Taborda, tudo era querer ir nas pisadas do mestre; e o publico, sempre no proposito de evitar attritos, acabava por lhe achar graça.

Esses eram, porém, os bons tempos de outr'ora, que passaram de todo, e que não voltam mais!

JOÃO PRUDENCIO.

instrução do seu real pupillo, a *Historia de Portugal* que muito é para lamentar que a não tivesse concluído.

Que bello monumento de gloria não seria esse Portugal poderia, então, orgulhar-se de possuir um registo e uma critica como nação nenhuma do mundo, da sua singularissima existencia de oito seculos, marcados um a um na grande pedra das glorias da humanidade.

Neste ponto, seja-nos licito vibrar a nota discordante no grande concerto de louvores em honra de Herculano.

Uma preocupação de ordem moral veio quebrar a penna inflexível e pura, como a verdade, do historiador.

Talvez que o cadastro bragantino não fôsse o melhor titulo de reconhecimento para quem recebia tão carinhosas e significativas provas da casa real portuguesa.

Melhor seria, então, não começar o que se não poderia, airoso, concluir.

A suspensão do trabalho, além de uma desagradavel surpresa para a expectativa publica, não foi, por certo, a melhor fórma de evitar uma situação difficil.

Comtudo, o que ha feito é notabilissimo e resolve um dos pontos mais obscuros da nossa historia — o das origens. Nesse incompleto trabalho, liquidam-se questões graves, como a tão decantada batalha d'Ourique e o seu milagre e, como consequencia, as côrtes de Lamego reunidas, para confirmar a aclamação de Affonso Henriques, espontanea e entusiasticamente, feita pelos soldados nesse formidavel prélio de 400:000 homens contra um punhado de lusitanos.

Não foi impunemente que o grande historiador derruiu o edificio de chimericas crenças. O clero, vindo em defesa do tradicional milagre, dirigiu sérias contestações e, por fim, acerbas invectivas a quem tinha o arrôjo de pulverisar a lenda, o que deu origem á conhecida polemica *Eu e o Clero*, em que o despreocupado historiador oppõe aos ataques dos seus adversarios, argumentos de péso baseados em solido estudo e em genuina dialectica.

Este incidente, que, tanto, incommodou Herculano, não só pôz em evidencia os seus admiraveis dotes de polemista exímio, como as suas crenças de christão sincero, particularmente, reveladas nessa primorosa colleção de mysticas poesias que se intitula *Harpa do Crente*.

Ahi, ha a revelação de um grande poeta e de um grande pensador; uma verdadeira profissão de fé, mas genuina e pura, sem méscia de acanhados preconceitos. E' talvez a mais sympathica producção do immortal escriptor, não só pela excellencia da fórma que reveste, como pela nobreza da causa que a inspira.

E' cheio de christã philosophia, o bello trecho a *Cruz Mutilada*. Emocionado, o poeta, pela cruz do convento do Carmo, na serra de Cintra, que se lhe deparára com um braço partido e revestida de hera, eleva-se nas azas da fé que o domina e ama o symbolo da redempção na fachada do templo, no campo da morte, no altar entre preces e incensos, no presépio festivo, no velho cruzeiro, no ataúde e no ermo nuncia do crime. Adora a cruz na montanha que se eleva acima da nuvem, no rochedo atalaia do oceano, no roble frondente e na herminha do prado.

Gravada, nas almas generosas, pela mão de Deus, descobre-a nos ceus, nos mares, no guerreiro que expira nos campos de batalha e na mãe que estreita, contra o seio, o filhinho querido.

E', realmente, um mimo no seu genero, onde não só revela o sentimento da crença, como o da indignação e de lastima. A cruz que o inspira accusa um crime, uma profanação. As suas linhas estão falhadas e tortuosas e um dos seus braços foi derribado. Qual seria a mão impia que tal sacrilegio praticou? Não foi, decerto, a do sabio incredulo, mas, sim, a do homem do povo, desse que mais beneficios deve á cruz, por cujo amôr ella surgiu, qual remorso nos sonhos do abastado e do tyranno, bradando — *esmola!* a um; *piedade!* ao outro.

Não é, porém, unicamente, nes-

tes primorosos escriptos, que se cifram os talentos de Herculano; avultam, tambem, no romance historico.

E' o romance historico, um verdadeiro producto hybridado em litteratura. Mixto de dois elementos radicalmente oppostos, a verdade e a ficção, os seus effeitos são, por certo, muitas vezes, funestos. Póde conduzir a erros deploraveis, a uma instrucção falsissima. Na sua maior perfeição, isto é, na ligação bem intima, natural e harmonica dos personagens e acções imaginosas com os personagens e acções de realidade, consiste a sua grande inconveniencia; produz necessariamente a confusão ou troca de naturezas diversas e assim tomar o falso por verdadeiro e este por aquelle.

Não obstante taes inconvenientes, a litteratura aceita o genero e, nelle, se póde expandir o genio ou cultivar a arte.

Assim succedeu ao grande mestre, que, no famoso *Monasticon*, se eleva ás culminancias da gloria.

«No *Eurico, o Presbytero*, diz um escriptor contemporaneo, descreve-nos, com as côres da sua divina palheta, a vida da sociedade wisigotica e, no *Monge de Cister*, combate o celibato religioso, que elle considera, á luz do sentimento e da razão, uma especie de amputação espirital em que, para o sacerdote, morre a esperanza de completar a sua existencia na terra. Era o mesmo pensamento do Jocelyn de Lamartine, exposto lá, em magnificos versos; aqui, manifestado por soberba prosa na descripção dos usos, costumes, do viver e das luctas da Hespanha na época da invasão arabe.»

Continuando ainda a sua tendencia para estudos historicos, escreveu a *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal* e, encarregado pelo governo da publicação dos *Monumentos historicos de Portugal*, ahi vae o infatigavel trabalhador, percorrendo os archivos e bibliothecas conventuales do paiz, luctando com toda a casta de difficuldades, com o fim de colligir conscienciosamente os subsidios para a missão de que fôra tão dignamente incumbido e que satisfizera tão plenamente.

Fatigado, Herculano, de uma vida laboriosissima, obedecendo aos impulsos do seu feito misantropico, foge da vida tumultuosa da cidade e, qual Nuno Alvares no convento do Carmo ou Carlos V no de S. Justo, procura a tranquillidade no seu eremiterio de Valle de Lobos, onde, na contemplação dos quadros do campo, na convivencia innocente do rustico e no labôr despretençioso do agricultor, passa os ultimos annos da sua existencia, depois de ter offerecido ao paiz, á sua

querida patria, o sangue das suas veias e as luzes do seu cerebro.

Bem dita a tua memoria, obreiro do bem, e que a tua grande alma receba as nossas pobres mas sinceras homenagens.

DAMASCENO NUNES.



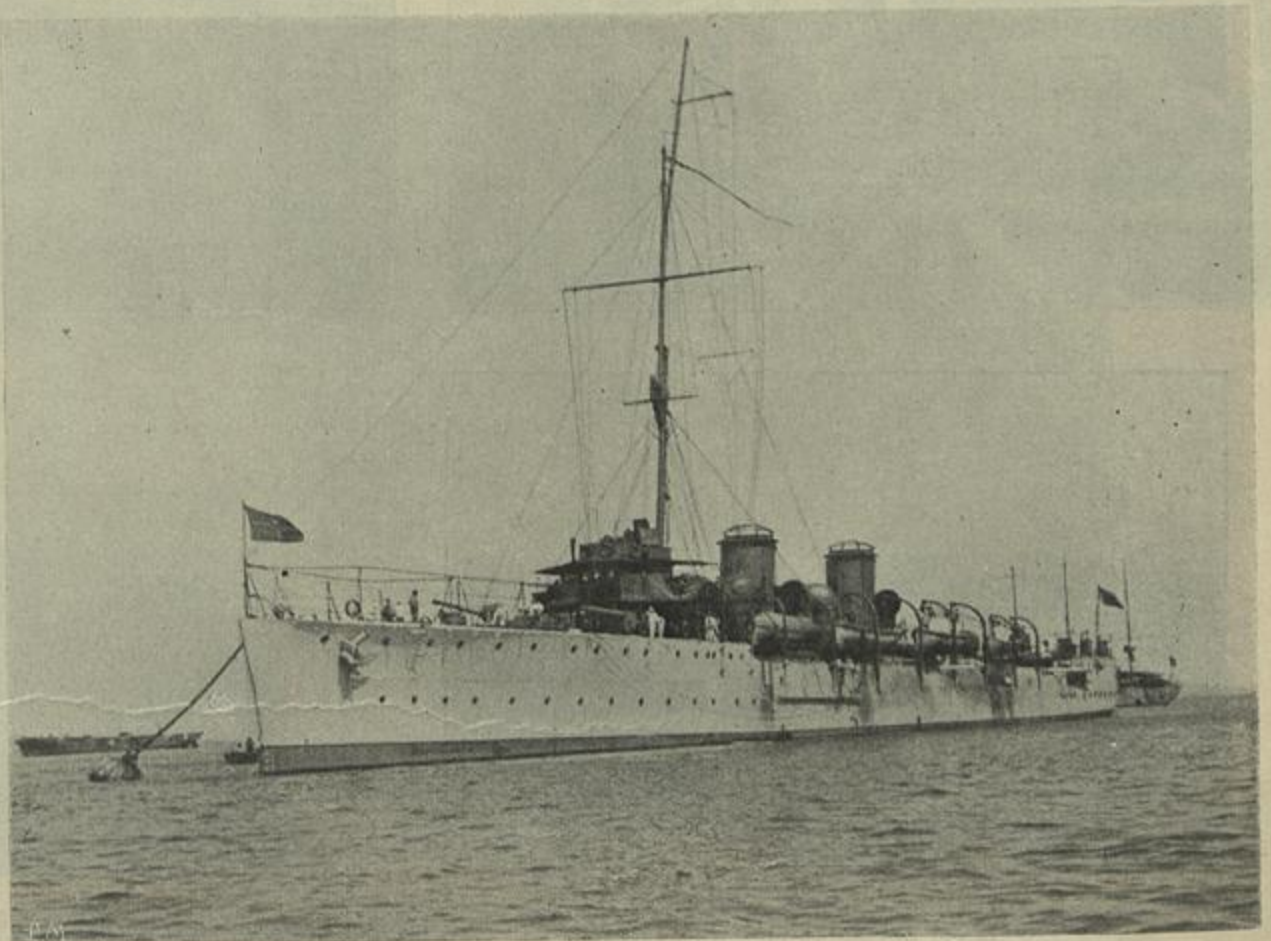
As festas nas Caldas da Rainha

Concurso hypico

São bem conhecidas estas thermas para que eu venha, em meia duzia de linhas, fallar do seu valor. A qualidade das suas aguas, é revelada todos os annos pela grande quantidade de doentes que aqui vêm procurar alivio ás suas dôres. Mas por outro lado tambem estas thermas são magnificas para aquelles que se querem somente divertir. Esta villa está situada de fórma tal, que está em contacto com localidades por meio de estradas magnificas, emfim passeios lindissimos! Assim, podemos visitar, Obidos, Foz do Arêlho, S. Martinho do Porto, Leiria, Alcobaca, Batalha, Nazareth, Rio Maior, e os logarejos Couto, Salir das Mattas, Vidades, Mosteiros, Valverde, etc. Além d'isto temos dois parques de primeira ordem, a Matta Real e o parque D. Carlos com magnifico lago, jogos, etc. Tambem é digna de nota a antiga fabrica de Faianças fundada pelo grande e chorado artista Raphael Bordallo Pinheiro. Estando esta localidade a tres horas de Lisboa, não nos admira que todos os annos seja muito concorrida. Pena é que os parques estejam tão mal tratados, a limpeza das ruas não é nenhuma, e a poeira é horrivel, principalmente na Matta Real; tudo isto cheira a um profundo desmazelo que não se póde admitir!

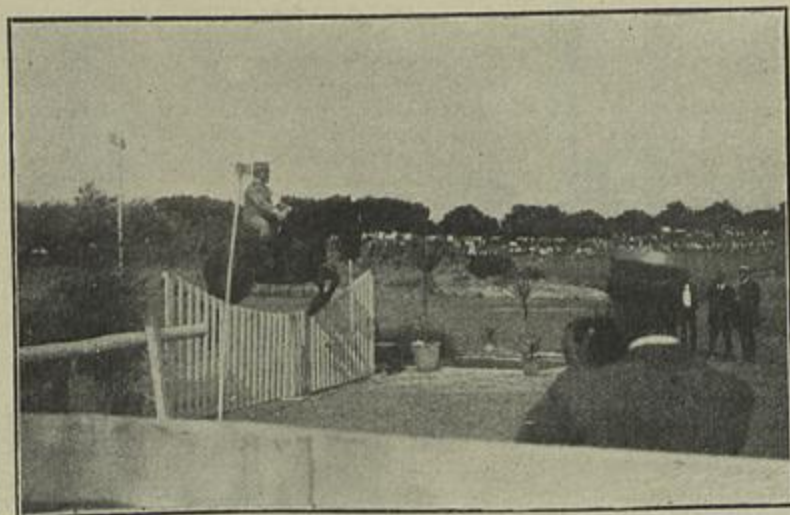
O concurso hypico realizado este anno na grande esplanada da Matta Real, o melhor recinto de Portugal para festas hypicas, decorreu na maior animação, pois calcula-se para cima de dez mil pessoas a concorrência, tendo vindo de Lisboa e arredores grande numero de comboios, automoveis, carruagens, etc.

Pena foi que o concurso tivesse decorrido com tão pouca ordem, por parte do jury, pois cada um dava a sua ordem, e assim ninguem se entendia! Mas isto tem facil remedio para annos futuros. Tambem censuraremos aqui a triste idéa de completarem as provas no dia seguinte ás 7



O NOVO «SCOUT» BRASILEIRO «RIO GRANDE DO SUL» QUE ESTEVE ULTIMAMENTE NO TEJO

As festas nas Caldas da Rainha



1. O PARQUE — 2. S. M. EL-REI D. MANUEL ASSISTINDO, NA TRIBUNA REAL, ÀS CORRIDAS — 3. A ASSISTENCIA
4. SR. ALVARO DE MENDONÇA SALTANDO NO CAVALO «A VOON», PREMIO «OMNIUM» — 5. ENTRADA DA COPA

(Instantaneos do sr. A. Sacavem)

Uma festa operária

horas da manhã! Ora os finais das provas é a parte mais interessante e nem todos estão dispostos a irem de manhã, quando têm que fazer o seu tratamento; e devemos lembrar que pagaram 28500!

O concurso hípico durou quatro dias com o seguinte programma:

1.º dia — *Prova de ensaio*, com premios de valor de: 100\$000 réis, *apresentação de carros de aluguer*, com os premios de 30\$000 e 20\$000 réis; *prova nacional*, com premios de 300\$000 réis. Foram vencedores: Silveira Ramos, J. Fernandes, Delfim Maya, Lusignan de Azevedo, Jara de Carvalho, Lucio Nunes, Alberto Maya, André Reis e Delfim Maya.

Nas carruagens: Joaquim Sant'Anna e Francisco Galinha.

2.º dia — *Discipulos*, premios: objectos d'arte; corrida de *amazonas*, premios: objectos d'arte; *omnium*, premios no valor de 490\$000 réis. Foram vencedores n'este dia: João Caldas, D. Maria Manoela da Cunha Menezes, D. Maria Luiza Vasconcellos Alves,



Jara de Carvalho, Silveira Ramos, Casal Ribeiro, A. Mendonça e A. Maya.

3.º dia — *Provas de campinos*. Grande premio das *Caldas da Rainha*, o premio mais interessante de todo o concurso.

Nos campinos, foram premiados tres, dos lavradores Pinto Barreiros, dr. Assis, e Emilio Infante.

No premio das Caldas, cujo 1.º premio foi de 350\$00 réis, inscreveram-se 32 cavalleiros. Foram vencedores: Jara de Carvalho, A. Barata e Casal Ribeiro.

4.º dia — *Percurso de caça*, premios do valor de 200\$000 réis; *corrida de trote*, premios: objecto d'arte e 65\$000 réis; *prova dos vencedores*, um premio de 100\$000 rs. offerecido pelo sr. Jayme Alto Mearim.

No percurso de caça, foram inscriptos 33 cavalleiros e foram vencedores: Jara de Carvalho, Cifka Duarte, alferes Barata e J. Oliveira.

Na *prova dos vencedores* ficou vencedor Silveira Ramos.



1. O SR. JAYME GILMAN DISTRIBUINDO MELANCIAS AOS SEUS OPERARIOS
2 e 3. ASPETOS DO «PIC-NIC» — GRUPO DOS OPERARIOS DA REAL FABRICA DE LOUÇAS DE SACAEM COM O SR. GILMAN, NO ESTORIL.

(Instantaneos Benoliel)

A corrida de trote não se pôde realizar n'este dia por ser demasiado tarde, tendo ficado transferida para o dia seguinte.

Vieram assistir a alguns dias do concurso Sua Magestade El-Rei e Sua Alteza o Príncipe Real.

A' noite, no grande salão do Club, com a assistência do Príncipe Real, foram distribuídos os seguintes premios:

Ministerio das Obras Publicas.....	500\$000 réis
Ministerio da Guerra.....	300\$000 »
Hospital Real.....	200\$000 »
Turf-Club.....	60\$000 »
Club Tauromachico.....	100\$000 »
Commercio das Caldas.....	200\$000 »
J. Alto Mearim.....	200\$000 »
Das senhoras.....	200\$000 »
Centro Hypico do Porto.....	60\$000 »
C. de Fontalva.....	1 salva de prata
Commendador J. Lima.....	Idem
C. Machado.....	1 tinteiro
V. de Sacavem (José).....	1 amphora de prata
Xavier d'Almeida.....	1 estojo em prata
D. A. Cymbrun.....	1 centro de mesa

Como dissemos, a corrida de trote realizou-se no dia seguinte, ás 3 horas da tarde. Ganhou o 1.º premio o sr. Sebastião da Cunha e o 2.º o sr. Xavier d'Almeida.

Já se estão preparando novas festas, regatas, concertos e fogos de artifício na Matta.

Caldas, 9.

A. SACAVEM.

Uma festa operaria

Nestes tempos em que vamos de reinvidicações do trabalho, aliaz justas, justissimas, é de registrar, pelo seu especial significado, uma espontanea quanto simpatica manifestação operaria, que ocorreu no domingo 11 do corrente, entre os operarios da Real Fabrica de Louças de Sacavem e o seu proprietario sr. Jayme Gilman.

Não são hoje, infelizmente, vulgares estas manifestações, e por isso é de justiça celebrarem-se e aplaudirem-se, pois são de bom exemplo para operarios e patrões, mostrando que o capital não é irreconciliavel com o trabalho, quando nem um nem outro abusam do seu valor.

A Real Fabrica de Louças de Sacavem conta 1:016 operarios, dos quaes cerca de 900 com suas familias foram, no dia acima indicado, visitar o sr. Gilman, que está com sua familia veraneando em Santo Antonio do Estoril. Para o efeito organisou-se um comboio especial que de Sacavem partiu ás 9 horas da manhan e que uma hora depois chegava ao Estoril com aquella enorme multidão alegre e expansiva, no goso de um dia de descanso e de festa, não faltando a magnifica banda, composta de operarios da fabrica, tocando alegremente o seu repertorio.

Ali eram esperados pelo sr. Jayme Gilman e sua familia, em cordeal recepção e, enquanto a banda tocava o himno inglês, os operarios levantavam vivas ao sr. Gilman e á industria nacional.

A alegre multidão seguiu depois com o sr. Gilman, para o belo e estenso parque Viana, onde se realizou o *pic-nic*, espalhando-se os ranchos de homes, mulheres e creanças, á sombra das frondosas arvores e pinheiros. Por sobre os relevados estenderam-se toalhas e dispozeram-se as comidas que cada grupo de operarios e suas familias levavam em cabazes, dando-se começo á refeição, que correu alegre, animada, em grande confraternidade, não ocorrendo o mais pequeno incidente desagradavel entre tão numerosos convivas, achando-se presente o sr. Gilman e sua familia, o qual no fim da refeição ofereceu aos seus operarios 400 melancias e 300 kilos de uva.

Este oferecimento é de notar no meio dos nossos costumes e numa festa desta ordem, em que o portuguez só entenderia dever oferecer vinho aos seus operarios; esta innovação, porém, justifica-se pela razão do sr. Gilman combater por todos os meios a seu alcance o alcoolismo, com o que tem conseguido morigerar os seus operarios, do que era prova bem evidente a forma como se apresentavam naquella festa. De facto, comprova-o o asseio e compostura dos seus fatos, os seus modos trataveis e civilizados, a boa harmonia entre todos e a circumstancia de ao termi-

nar uma refeição de festa, não se notar qualquer sintoma de embriaguês entre tantos convivas.

Eis uma lição de abstinencia e exemplo salutar, em contraste com essa vida perdida da taberna em que, infelizmente, se consome grande parte do operariado.

A festa continua e os operarios dirigem-se, com a sua banda á frente, para a vivenda do sr. Gilman, denominada *Vila Ralfe*, em S. João do Estoril. Chegados ali são recebidos pelo seu patrão e familia na mais comovedora fraternidade, executando a banda, dirigida pelo sr. José Miguinchas, alegres peças do seu repertorio.

O sr. Gilman então, convidou os encarregados das oficinas, empregados de carteira e musicos, a entrarem em sua casa, onde lhes foi servido um delicado *lunch*, no qual se trocaram saudes sendo a primeira levantada pelo grande industrial aos seus operarios e á industria nacional. O sr. Gilman manifestou no seu brinde a grande satisfação de vêr ali os seus operarios como seus amigos e tanto mais amigos quanto o ajudassem a fazer progredir a sua industria, que felizmente já se encontrava em vantajosa competencia com a similar estrangeira. A este brinde outros se seguiram de operarios para que cada vez mais se estreitasse a fraternidade entre todo o pessoal da fabrica e o seu patrão.

Até aqui a festa; agora alguns considerandos sobre a sua significação.

Não ha duvida que foi uma festa simpatica e digna da civilização a que se aspira; para chegar, porém, a este belo resultado quaes tem sido os meios empregados?

E' o que resumidamente vamos enumerar pelo que podémos saber.

O sr. Gilman compreendendo nitidamente qual o melhor caminho para estabelecer a boa aliança entre o capital e o trabalho, principiou por tratar os seus operarios como amigos que tinham de o ajudar na sua missão industrial. Tratou de os educar tanto pelas boas ações como pela escola, que estabeleceu na sua fabrica, declarando guerra aberta ao analfabetismo, empregando todos os esforços para que o seu pessoal se instrua. Na sua propaganda contra o alcoolismo tem feito compreender ao operario quanto lhe é pernicioso o abuso das bebidas espirituosas.

Estabeleceu as suas oficinas sob as melhores condições higienicas, devendo notar-se que havendo ali trabalhos de pintura com tintas em que domina o oxido de chumbo e outros, as operarias que trabalham com estas tintas usam uma especie de bibes e mascaras embebidas de algodão que evitam absorver o pó nocivo.

Para a doença ou impossibilidade ha na fabrica uma caixa de socorros para a qual os operarios concorrem com a quota semanal de 40 a 100 réis, e que garante aos doentes e suas familias o auxilio necessario.

O sr. Gilman preparando assim o seu pessoal, este reconhece-lhe todo o bem que lhe tem feito e por isso as suas exigencias não vão além do razoavel, pelo que são sempre atendidas da melhor maneira, sendo certo que os operarios da sua fabrica se consideram bem remunerados em relação a outras fabricas.

Deste modo, as greves não encontram éco na fabrica de Sacavem, porque não tem razão de ser.

Esperamos podermo-nos ocupar deste importante estabelecimento fabril e dos seus produtos, em um dos proximos numeros desta revista; para então reservamos mais largas apreciações.

Uma tarde de agitação, em 1828, defronte do palácio real

A memoria de meu pai

Quando D. Pedro se propunha a doar-nos a *carta*, e D. Miguel fingia querer aceitar-a, como lhe dizia o seu barbeiro, depois conde de Queluz, o paiz encontrava-se n'um estado de excitação, onde se debatiam interesses e paixões violentas, acirradas pelo fanatismo do povo. A *carta* era odiada, e apenas desejada por alguns despeitados, poucos demagogos estoicos e raros ingenuos, que a não fariam triumphar se não fosse a força ulterior das cousas, o crescer da decomposição interna, o movimento politico da Europa e uma serie de acasos imprevistos. As classes agitavam-se.

A nobresa não via com bons olhos a innovação e receiava ver repetir-se os casos de 1821 e o paiz lançado na revolução. A aristocracia, embora considerada um poder do estado, perdia a intelligencia politica pela criação de uma camara de pares transformando-a n'um bando de cortezãos que ficava á mercê das graças da côrte e a sua influencia sobre as populações era apenas aparente, crescendo ainda o receio de perder o usufructo de rendimentos senhoriaes e historicos. Havia ainda a pequena nobresa a quem o novo regimen dava apenas o direito de elegíveis para a camara dos deputados, e estes, principalmente os morgados, eram as molas reaes da nossa vida social, que viviam nos campos, lavravam as propriedades e partilhavam da vida intima das populações, hostilizando pois a *carta* com profundo e bem fundado odio, vendo-se ameaçados nas suas riquezas, na sua influencia, no seu orgulho e amor proprio.

O clero, orgão de função predominante, era quem mais fomentava a reacção nos espiritos, a revolução de 20 tinha-o assustado, porque declarava a guerra religiosa e, descarregando-lhe golpes violentos, tendia a reduzi-los á fome. Os frades tinham já pago durante a invasão franceza, como medida de salvação patriótica, pesados impostos, mas desde 20 as exigencias e imposições continuavam com um caracter de guerra declarada e temiam a expropriação total, a *carta*, além d'isso, não só os excluía da camara mas negava-lhe o dreito do voto, e a estes factos de uma guerra surda respondeu o clero com uma guerra aberta e formal. As ordens mendicantes, consideradas como enxames de parasitas, deviam ser economicamente extinctas, mas constituido por frades maltrapilhos e sordidos, era o nucleo consistente do exercito da religião, que vivendo em contacto com o povo e fraternizando com elle, inspirava e desenvolvia-lhe o fanatismo catholico cultivando uma religião barbara e grosseira, inimigo terrivel mas então indispensavel á sua vida moral.

O clero secular não era tão hostil contra a *carta* que não julgava abertamente lhe fosse adversa nem lhe cerrava as portas do parlamento, esperando os modestos abbades, parochos, reitores e curas, melhorar a sua sorte com o novo regimen; mais tarde porém, viram que as suas esperanças eram infundadas, que as camaras nada faziam e tudo continuava como d'antes senão peor; viram tambem uma sensível diminuição de influencia que a imprensa livre roubava ao confissionario e ao pulpito, e que o publico era guiado n'uma direcção opposta á antiga, parecendo-lhe assim a *carta* uma revolução e por consequencia, uma impiedade. O povo, assooprado pelos frades, augmentava o seu fanatismo e o seu ardor pela causa de D. Miguel, e isto animou por tal forma o clero secular que se tornou geral a sua hostilidade contra a *carta*.

A magistratura tambem era quasi unanime á causa miguelista e foi n'ella que o absolutismo encontrou os seus mais dedicados parciaes.

Era este o estado dos animos dos principaes elementos sociaes do paiz, quando D. Miguel, que viajava de Plymouth demandando o Tejo, desembarcou em 22 de fevereiro 1828, n'um dia formosissimo, cheio de aclamações entusiasticas d'um povo inteiro que espontaneamente manifestava um fervor desenfreado.

O pertendente desembarcou em Belem, onde a *Perola*, que o trouxera, lançou ferro. A bordo foram esperal-o D. Carlota Joaquina, as infantas, os ministros, e Clinton, general das tropas inglesas aquartelladas em S. Julião e no Bugio. O cortejo seguiu para o palacio d'Ajuda, que D. Miguel foi habitar, sendo o trajecto até ao paço um verdadeiro triumpho, um trovão de vivas, um desespero de gritos e um deluvio de flores. O povo, ardente de entusiasmo e delirante de emoção, tornava-se insultante e ameaçador, ostentando laços vermelhos, da côr de sangue, parecendo annunciar já a desforra e a vingança.

A' noite, mãe e filho apagaram saudades e nos seus corações ambiciosos surgiam as esperanças. A cidade estava curuscante de luzes, entregando-se á bambochata de delirio pleno. Chegára o seu rei, o tyranno, que podia prostituir e enforçar, exaltado pelos demagogos e adorado pelas beatas e pelos frades que davam graças a Nosso Senhor pela sua vinda, e a canalha pelas ruas tripudiava á solta. Os desembargadores deram chás, as igrejas accendiam os seus lustres, mas os quartes, senão hostis, conservavam-se indifferentes. Havia porém uma *tropa* livre nas ruas, bandos armados de cacetes: era a do Telles, alferes de milicias, a do Grondona, a do José Verissimo e a do celebre *Primo das Primas*, façanhudo caceiteiro dos sitios de Belem. Cacete em punho, cabeça

que elle cahira minado pela doença. Vi o quadro levantada, cantando o *Rei chegou* e ai d'aquelle de quem suspeitasse ser *malhado*:

D. Miguel chegou á barra
Sua mãe lhe pediu a mão,
Dá cá a mão ó filho meu
Não queiras a constituição.

Rei chegou, rei chegou!
Em Belem desembarcou!

A este tempo, desde 25 de dezembro de 1826, era meu pae, Sesinando Ribeiro Arthur, Porta Bandeira do 4.º d'infanteria, onde sentára praça, como cadete, em 28 d'agosto de 1824, e pertencia á 1.ª companhia de fuzileiros, escolhendo aquelle regimento por ser commandado por seu tio o tenente coronel Philippe Thomaz Ribeiro (1).

O 4.º d'infanteria, regimento de Freire d'Andrade, foi partidario decidido da causa liberal, tomando parte na batalha de Coruche da Beira em 9 de janeiro de 1827, ganha pelo conde de Villa Flôr, contra as forças miguelistas do visconde de Varzea, embora em 1828 seguisse, manifestamente constrangido, a causa de D. Miguel, sendo um dos corpos que pertenceu á divisão do Povoas; dando-lhe o infante, no seu intruso reinado, a denominação de *Segundo regimento d'infanteria de Lisboa*, revoltando-se a favor da *carta* na noite de 21 d'agosto de 1831, no seu quartel de Campo de Ourique, de que resultou ter sido *quintado* e dissolvido, apoz uma lucta heroica travada com a Guarda Real da Policia, o regimento d'infanteria 16 e mais corpos de realistas.

No dia 5 de junho de 1828, estava o Porta Bandeira de guarda ao palacio real d'Ajuda, quando, pela tardinha, começaram a affluir magotes de populares ao espaço largo. Em frente do palacio surgiram as manifestações: Viva D. Miguel I, absoluto! Viva! E a população engrossava, tornando-se difficil a passagem e a vosearia era de insurdecer. Salientava-se na grita o caceteiro bairrista, o *Primo das Primas*, que capitaneava um turbulento e aggressivo bando de populares. A plebe, tomada de uma grande embriaguez collectiva, começava os seus desvarios e excessos, havia já insultos e violencias, foi espancado um transeunte inoffensivo. O Porta Bandeira que por alli andava e observou o facto, teve uma revolta intima de indignação, repugnou-lhe aquella cobardia, e dirigindo-se ao grupo, increpou, chamando-lhe canalha, o chefe dos caceteiros que lhe retorquiu altivamente. Exaltou-se o militar, ferido nos seus brios, e, com um soldado da guarda, tentou de balde dispersar os desordeiros. O tumulto augmentou protegido pelo crepusculo, algumas pedras foram arremessadas ao Porta Bandeira, que era impotente no meio do turbilhão popular; ouviam-se gritos de — morra o *malhado!* — e uma pedra mais certa derrubou a barretina do jovem militar que ficou bastante ferido na cabeça. A custo conseguiu o Porta Bandeira refugiar-se na sala dos archeiros, que com as alabardas impediam a aproximação do povo. O *Primo das Primas* não se fartava de berrar, chamando *malhado* ao ferido e dando vivas a D. Miguel I.

O Porta Bandeira, banhado em sangue, foi levado a curar-se a uma loja de barbeiro situada entre outras barracas então existentes no largo. A população observava, e, n'um prompto, acercou-se da loja de cujas portas os vidros voaram em estilhaços. D'alli o ferido era levado ao posto da guarda, e, a pouco e pouco, foi serenando a exaltação até acalmar de todo, voltando tudo á tranquillidade habitual.

No dia seguinte, 6 de junho, a guarda rendida recolhia ao seu quartel de Campo d'Ourique, e o Porta Bandeira, ainda febril da commoção da vespera, empunhava a bandeira branca da côr do ferro da farda do seu regimento. Alli ficou surprehendido porque, sendo mandado chamar, lhe foi entregue a sua *baixa do real serviço por não convir ao governo d'aquella época!*

Estava traçado o caminho a seguir e a sua sorte seria a sorte das armas na guerra de exterminio que ia travar-se entre os dois irmãos. Meu pae emigrou logo para Inglaterra e em 6 de janeiro de 1829 já embarcara em Plymouth com destino á ilha Terceira. O desembarque foi-lhe vedado pelo bloqueio britânico, e indo aportar a Brest, conservou-se em França até embarcar em Saint-Malo, d'onde partiu para Ostende, com destino

novamente á Terceira, effectuando então o desembarque a 16 de janeiro de 1830.

Fez parte das forças que submetteram as mais ilhas d'aquelle archipelago á obediencia do governo de D. Pedro e desembarcou nas praias do Mindello. Batalhou no Cerco do Porto, como official, e distinguio-se em 25 de julho de 1833, na defesa do reducto do Pinhal. Pertencendo sempre, durante a campanha, ao heroico regimento d'infanteria 10, serviu sob as ordens do bravo coronel Pacheco, que tinha por elle grande estima, e que, infelizmente, morreu ao terminar o cerco. Na Asseiceira combateu com denodo ao lado dos seus camaradas, entrando triumphante em Lisboa com o exercito do ostentoso duque da Terceira.

Quem diria ao Porta Bandeira, na tarde tumultuosa de 5 de junho de 28, em frente do palacio d'Ajuda, que este devia ser o epilogo de tão encarniçada lucta!...

Mas de que serviram tantos esforços sinceros n'esta pertinaz contenda? Para enriquecer muitos á custa de fraudes e latrocinios, para desmoralisar o paiz envenenando-lhe as consciencias, para nos arrastar a este estado morbido em que a patria agoniza perante o egoismo indifferente da actual geração!

RIBEIRO ARTHUR.



NECROLOGIA

Dr. Antonio Augusto Pereira de Mattos

MEDICO EM MANTEIGAS

O dr. Pereira de Mattos era filho de D. Josepha Pereira de Mattos e de José Pereira de Mattos, industrial e proprietario. Fez o curso dos Lyceus no Collegio de Campolide e outros, e concluiu o curso na Escola Medica de Lisboa em 8 de fevereiro de 1897, sendo approved plenamente.



DR. ANTONIO AUGUSTO PEREIRA DE MATTOS

No *Diario do Governo* n.º 52 de 5 de fevereiro de 1896, vem uma portaria pela qual S. M. El-Rei manda ao enfermeiro mór dar os louvores pelo seu procedimento, quando da subita e inesperada revolta dos enfermeiros do Hospital de S. José, visto ter sido um dos alumnos que se prestaram a substituir os referidos enfermeiros, o que fez até á liquidação do incidente.

Concluida a formatura exerceu clinica na Figueira da Foz, durante 5 annos, tendo-lhe sido passado pela Camara um honroso attestado do seu comportamento.

Vagando o lugar de medico municipal de Manteigas e arrastado pelos pedidos da familia, sobretudo de sua octogenaria mãe, resolveu se a concorrer a este partido em que foi provido, em 20 de junho de 1903.

No desempenho do seu cargo foi sempre um medico correcto e bom, um verdadeiro amigo dos desprotegidos da fortuna.

— Não conhecia ainda o dr. Pereira de Mattos quando voluntariamente me offereci para tractar dos epidemiados de Manteigas. Soubera, porém, que fôra aqui, n'esta região tristonha e doentia

e percebi quão piedosa fôra a sua peregrinação pelos albergues da desgraça, onde carpíam almas em corpos quasi sem vida.

Tão pobres, tão engeitados da fortuna, que muitos d'elles não tinham sequer o consolo d'um pedaço de pão, nem a caricia, tão prodigamente concedida d'um benefico raio de sol!

Acompanhei o nos ultimos dias da sua doença quando já só raras vezes o seu espirito permittia o labor d'uma ideia, que, mal era esboçada, desapparecia rapidamente na escuridão d'um delirio quasi constante.

Houve um momento, ainda, e bem proximo da morte, em que pude communicar-lhe a realisação do seu sonho de ha muito — os doentes iam ser hospitalizados, arranjava se casa e mobiliario, os poderes superiores secundavam generosamente a ideia...

Animou-se-lhe o olhar, tomou vida o rosto emagrecido pela doença, e, esboçando um tenue sorriso, poudo ainda soltar dos labios queimados pela febre uma phrase breve em que ia, talvez, um pedaço da sua alma generosa: Isso é bom...

Horas depois, esgotados os ultimos recursos para prolongar a vida ao torturado doente, deixava de existir o medico bondoso, cujo nome querido era evocado com religioso respeito pelos miserios que gemiam nos seus casebres sem luz, onde tantas vezes levára a ventura e a alegria, e d'onde trouxera em troca, por uma triste ironia do destino, o mal que havia de matalo.

Pois este obreiro obscuro da sciencia, sempre firme no seu posto, com o seu eterno sorriso de bondade, morreu pobre e deixou uma viuva sem recursos.

Elle que tão prodigamente distribuiu consolos emquanto as suas mãos deixavam cahir a esmola nos catres dos desgraçados, aguarda com certeza na paz da sua sepultura o pagamento d'uma vida que, por certo, se não fará esperar.

Manteigas.

JOÃO DA MOTTA FELIX.

Medico

General Junio Gualberto Bettencourt Rodrigues

Vitimado pelos estragos de uma nefrite aguda, faleceu a 29 do passado mez o conhecido official de engenharia, ha tempos reformado em general de brigada, Junio Bettencourt Rodrigues, seguramente um dos mais distintos officiaes da sua arma e matematico de notavel valôr.



GENERAL JUNIO GUALBERTO BETTENCOURT RODRIGUES

Além de ter desempenhado importantes comissões de serviço publico, taes como a de inspetor de engenharia nos Açores, onde residiu largos annos, e uma comissão no caminho de ferro de Ambaca, o extinto publicou numerosos e importantes trabalhos matematicos, tendo inventado e feito construir para serviço de topografia uma alidade taquimetro que foi presente á Academia Real das Ciencias, de que era socio, e varios tipos de motores hydraulicos, alguns dos quaes foram mandados fazer por ordem do ministerio da guerra.

Trabalhava ultimamente o illustre morto n'um motor d'esse genero, applicavel especialmente á utilização na industria domestica, de corrente de pequena potencial, cujos desenhos ficaram concluidos, mas incompleta a memoria descritiva.

(1) O tenente coronel Philippe Thomaz Ribeiro, era pae do fallecido general de divisão, Manoel Cypriano da Costa Ribeiro, e avô do actual capitão dos serviços administrativos, Filipe de Araújo Ribeiro.

O falecido contava 61 annos de idade e era irmão do notavel quimico, extinto parlamentar e velho amigo desta revista, conselheiro José Julio Rodrigues, e do illustre clinico, desde ha annos em S. Paulo (Brasil), dr. Bettencourt Rodrigues, conhecido em toda a Europa pelos seus trabalhos de psiquiatria.

Era tio do reitor do liceu de Leiria, professor sr. José Julio Rodrigues, que o acompanhou em toda a ultima fase da sua doença, assistindo-lhe aos ultimos momentos.

Não o desamparou tambem um momento o seu querido amigo, sr. Emilio Dias, antigo chefe de trabalhos praticos do conselheiro José Julio Rodrigues e atualmente condutor de 1.ª classe e membro da Academia.



Experiencia de um torpedo de invenção portugúesa

Realisou-se ultimamente no Tejo, em frente da Escola de Torpedos de Paço de Arcos, a experiencia de um torpedo fixo, invento do sr. major Gomes Teixeira, o qual deu bom resultado.

Este torpedo carregado com 100 kilos de algodão-polvora, foi preparado na estação de Paço de Arcos e o pessoal da estação encarregado de proceder ao fundeamento da terrivel arma de guerra, collocado a profundidade aproximada de 4 metros, sendo a posição indicada por duas boias brancas a montante e duas vermelhas a vasante, precaução indispensavel para delimitar o raio de ação do torpedo, o qual é de cerca de 40 metros.



S. M. El-Rei D. Manuel tendo á direita o sr. coronel Prego e á esquerda os srs. major Gomes Teixeira, inventor do torpedo, ministro da guerra, comandante da Escola de Torpedos e mais officiaes

ASSISTINDO Á EXPERIENCIA DO TORPEDO

A prova, realisada em presença de Sua Magestade El-Rei D. Manuel, foi dirigida por officiaes de engenheiros, assistindo tambem o sr. ministro da guerra, muita officialidade do exercito, e grande concurso de povo disposto pela margem do rio para vêr o extraordinario espectáculo.

Quando Sua Magestade chegou á tenda de campanha armada no alto da riba, o inventor do torpedo sr. major Gomes Teixeira explicou a El-Rei o fim daquella experiencia, o qual era determinar a ação da explosão do torpedo em seis outros torpedos collocados a um raio de 35 metros do primeiro. A prova não podia ser mais completa.

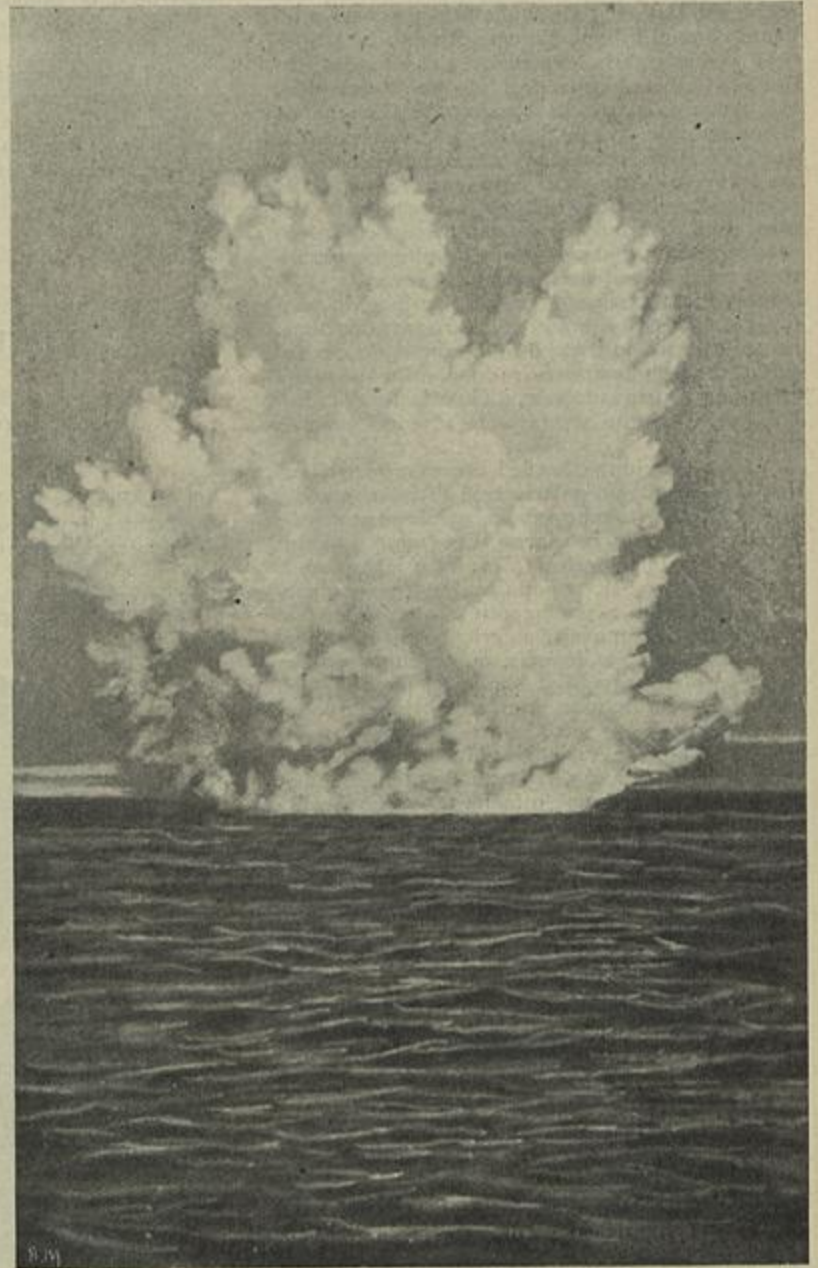
Sobre uma mesa estavam dispostos os comotadores eléctricos, donde partiam os fios condutores que, descendo a praia e mergulhando na agua, estabeleciam a comunicação com o torpedo fixo. El-Rei acionou o como-

tador destinado a fazer explodir o torpedo, e logo se ouviu uma detonação abafada, levantando-se uma formidavel catadupa de agua, produzida pelos 100 kilos de algodão polvora a que não teria resistido o mais potente couraçado.

O torpedo é uma arma terrivel quanto dispendiosa, sendo certo que este custou aproximadamente 400\$000 réis, mas não resta duvida que pôde destruir em um momento o maior couraçado do custo de milhares de contos, além do inestimavel valor das vidas da sua guarnição.

Sua Magestade felicitou o sr. major Gomes Teixeira pelo seu belo invento, que é superior ao de outros tipos conhecidos, em potencia e em simplicidade.

Vê-se por este facto que o nosso exercito não descursa os meios de defeza do país, e que ha nelle officiaes que se entregam ao estudo da arte da guerra, que hoje importa uma ciencia, como acaba de o provar o sr. major Gomes Teixeira, seguramente um dos mais distintos officiaes da sua arma, honra e gloria do exercito portugúes.



A EXPLOSÃO DO TORPEDO

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negoceiam em Cambios. Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone. 2873

Endereço. Fundos.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis